

23-07-2021

MINERAÇÃO

A EXPLOÇÃO DE UM TEMA

Ricardo Fernandes Gonçalves[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

De repente explodiu no cenário acadêmico brasileiro, especificamente na Geografia, o tema mineração.

Essa explosão certamente possui um sentido; é reveladora. Pois bem! Há cerca de dez anos dedico esforços de pesquisas sobre o setor extrativo mineral. Nesse período compreendi e participei das interpretações que avultaram o tema na perspectiva geográfica e de outras ciências sociais. Descobri, ainda, que a mineração foi indevidamente esquecida, com raras exceções, nas pesquisas dos geógrafos; ou indevidamente tratada e limitada a um ciclo econômico da história colonial do Brasil. Não se falava do Brasil como território minerado. Em Goiás, por exemplo, a tradição da pesquisa geográfica passou ao largo das análises de um setor que fratura os territórios, dinamiza ou impõe dependência a municípios, implica na organização do espaço agrário e adoecce trabalhadores. Todavia, nos últimos anos, diante do vulto temático da mineração no espaço acadêmico, passou-se a considerar que há um problema mineral no país.

Essa constatação é também exemplificada pelas ações de Movimentos Sociais, sindicatos e ativistas ambientais.

A percepção crítica arvorada desde as bases de lutas populares e de comunidades impactadas se soma ao engajamento de pesquisadores. De resto, há clivagens e apropriações por cientistas sociais comprometidos com os interesses das corporações ou financiados por elas.

Por consequência, as questões que se colocam são: por que o tema mineração explode? O que motiva, de repente, tantos pesquisadores, inclusive de outros campos, a contornarem suas investigações à mineração?

Os desastres-crimes da Samarco/Vale/BHP Billiton em Mariana/MG (novembro de 2015), e da Vale em Brumadinho/MG (janeiro de 2019); e a necessidade ininterrupta do capitalismo por recursos naturais podem justificar o alargamento do tema. Esses dois componentes contribuem com a constatação de que a mineração se tornou um conteúdo urgente do mundo e, por isso, requer atenção crítica. Os desastres-crimes demonstraram, além do mais, que megabarragens, minas a céu aberto e subterrâneas, pilhas de estéril, minerodutos e ferroviários expõem territórios e comunidades a riscos de adoecimento e morte; a situações de medo e sofrimento.

O grande público passou a debater a mineração e ela ascendeu inclusive no cotidiano da população.

O extrativismo mineral é indissociável do capitalismo contemporâneo: a financeirização dos recursos naturais como terra, água e minérios está no centro das novas fronteiras de acumulação global.

Ademais, os minerais são essenciais às tecnologias digitais da Quarta Revolução Industrial e estão na matéria de todas as mercadorias que circulam ao que Harvey (2018) denomina “ecossistema global do capital”. Contudo, acreditamos que há na explosão do tema mineração dois problemas: o primeiro é que ele facilmente se oferece ao utilitarismo academicista. Com efeito, pode transformar-se numa pequena “bula de remédio acadêmico”, um filão para participar de publicações e eventos científicos ou facilitar a aprovação de projetos de pesquisas financiados por empresas e agências de fomentos.

Um outro problema é ser gerido pela lei do apressamento neoliberal. Resulta disso o fato de que grupos, especialmente os estrategistas acadêmicos, à medida que um objeto ressoa como importante, se apoderam dele rapidamente, mesmo sem tradição e experiência de pesquisa. Embora não possa haver um monopólio temático, o utilitarismo é um dado contraditório e revelador do apressamento neoliberal que se apodera do fazer acadêmico. Entretanto, pela primeira vez, podemos ser contemporâneos do fato de a mineração participar da consciência coletiva brasileira. Isto quer dizer que ao investigá-la torna-se possível verificar diversos eixos que hasteiam leituras críticas da sociedade contemporânea, tais como: os modelos de acumulação capitalista; saúde-adoecimento-morte dos trabalhadores; o esgotamento, o sofrimento e a injustiça ambientais; a desterritorialização de comunidades camponesas; os ciclos de *boom* e *pós-boom* das *commodities* minerais; e a fratura territorial promovida pelo setor extrativo mineral. Inclusive, agora se debate criticamente a mineração em terras indígenas, o subsolo como território em disputa, a transparência e o controle social da Contribuição Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), a organização dos movimentos de resistência, a legislação, as políticas públicas e o poder das corporações. Sendo assim, a Geografia não se exime da tarefa de interpretar e tornar o tema mineração vivo nos debates acadêmicos, assim como na militância e na resistência construídas nos territórios. Quanto ao panorama geográfico, distintas perspectivas se avolumam e adentram análises com enfoques do planejamento e desenvolvimento regional, ambientais, historiográficos, econômicos, literogeográficos e territoriais. Outrossim, a mineração ocupa o fazer de jornalistas e abrange as páginas de jornais; ganha as lentes de documentaristas; urde os versos e estrofes de poetas e a prosa de literatos; atrai o interesse de pesquisas de mestrado e doutorado; exige a atenção do campo da saúde do trabalhador. Consequentemente, torna-se um tema profundamente disputado, mas se coloca como uma potência interpretativa que antes não existia. Isso nos ajuda a construir uma consciência coletiva sobre ele e, ao fazê-lo, deslindar melhor o país. Finalmente, o fato de aumentar a quantidade de pesquisadores, especialmente geógrafos, que se envolvem com a temática é uma contribuição para detectar problemas graves da formação econômica e social brasileira, como a adoção do modelo do Estado cliente, a força e o enriquecimento das corporações ao custo da “predação ontológica” e o mito de que um território deve ser eternamente colonizado. Acrescentam-se o modo como os trabalhadores são surrados, o desprezo aos povos indígenas, quilombolas e camponeses, a revelação de uma história de pilhagem e a visada do economicismo tornada cultura. A explosão do tema ocorre no fogo vivo dos conflitos e das potências interpretativas. ■ ■ ■

Referência: HARVEY, David. *A loucura da razão capitalista: Marx e o capital no século XXI*. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2018.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.